

**A MEMÓRIA DO TRABALHO NAS ROMARIAS DE BOM JESUS DA LAPA E AS
PESSOAS QUE VIVEM DA VENDA DE ARTIGOS RELIGIOSOS:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Karolyny de Oliveira Almeida¹

Ana Elisabeth Santos Alves²

Resumo

Este artigo constitui uma síntese da pesquisa que tem por objeto *A memória do trabalho nas romarias de Bom Jesus da Lapa: retratos das pessoas que vivem da venda de artigos religiosos*. Situada no alto sertão da Bahia, na região do Médio São Francisco, pela trajetória histórica, cultural e econômica, Bom Jesus da Lapa se constituiu em um local de fé, de romarias e de turismo religioso e hoje faz parte do rol dos três maiores centros brasileiros de peregrinações motivadas pela fé. No sertão opaco onde se encontra, o fator preponderante para a formação socioeconômica da cidade é o brilhantismo religioso, que por essência é um fenômeno histórico-cultural. No entanto, a partir do trabalho dos vendedores ambulantes nas romarias da cidade, consideramos esse lugar como um espaço de produção e reprodução das relações capitalista, inserido no “circuito inferior da economia brasileira”, que traz subjacente, traços das atividades da economia pobre e se processa sob condições de vida e trabalho precárias, conectado à totalidade do sistema produtor de mercadorias. Essa forma particular de trabalho, que emerge como uma possibilidade de reprodução e sobrevivência para o monumental exército industrial de reserva é fruto da lógica do sistema capitalista. No espaço das romarias, compreende-se que existe uma memória social do trabalho, que vem sendo construída, recomposta e resignificada, sobretudo pelos trabalhadores, que conseguem deslocar o significado das romarias da esfera estritamente cultural e religiosa, para a esfera da economia. Situado no campo da memória, este estudo pretende analisar a construção das relações entre os sujeitos de Bom Jesus da Lapa e as oportunidades de trabalho e sobrevivência nascidas com o turismo religioso, considerando que esse deslocamento ocorre a partir da memória social do trabalho, que vem sendo tecida por esses trabalhadores desde as primeiras atividades produtivas, comerciais e/ou de serviços, organizadas para o atendimento das necessidades dos peregrinos e romeiros. A memória social que interessa a este estudo não é a memória oficial, criada, inventada, deliberadamente repetida, mas a memória subterrânea, silenciada e que em geral não é contada nos documentos oficiais nem nos livros publicados, mas permanece no cotidiano de homens e mulheres que vivem do trabalho. Eixo temático: Trabalho, Economia e Sociedade.

Palavras-chave: memória social; trabalho; romarias.

Introdução

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Memória: Linguagem e Sociedade* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus Vitória da Conquista*, sob a orientação da Professora Dr.^a Ana Elisabeth Santos Alves. E-mail: karolalmeidauefs@gmail.com.

² Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Professora Adjunta da Universidade Estadual da Bahia (UESB) e Docente do PPG *Memória: Linguagem e Sociedade*. E-mail: Ana_alves183@hotmail.com.

Para começar a discernir as questões que tangenciam a análise da memória do trabalho nas romarias de Bom Jesus da Lapa, tendo como foco as pessoas que vivem da venda de artigos religiosos, algumas considerações iniciais são importantes, sobretudo para fins elucidativos. A primeira delas esclarece que os eixos centrais desse estudo situam-se nos campos da Memória e do Trabalho, o que denuncia a necessidade de compreender empiricamente em que medida esses campos se tocam ou coinfluenciam no objeto delimitado. Se centrado exclusivamente nas densas discussões que permeiam o campo do trabalho, este estudo constituir-se-ia muito mais em um estudo da sociologia do trabalho – embora essa constatação não signifique que as questões que dizem respeito ao sentido do trabalho, às metamorfoses quem vêm se operando no seu mundo, bem como os modos como isso interfere na vida da classe trabalhadora hoje, devam ser negligenciadas. Ao contrário, seus conteúdos farão parte de modo essencial dos indícios, sinais e pistas que contribuirão para desvelar do objeto e suas questões centrais.

O que se pretende, entretanto, é a investigação e compreensão de uma memória que não é versada pelos documentos oficiais de Bom Jesus da Lapa, não aparece de forma clara nos livros que contam e recontam a sua história, tampouco figuram nas publicações dedicadas aos aspectos religiosos e geralmente vinculadas à Igreja. Trata-se, por outra via, de uma memória construída por homens, mulheres, velhos e crianças de várias cores e trajetórias, que viram nas romarias e no crescimento do turismo religioso de Bom Jesus da Lapa, as suas oportunidades de reprodução e sobrevivência. Fala-se aqui, da memória a que esses sujeitos trabalhadores recorrem, reconstroem e resignificam nas suas práticas de trabalho e sobrevivência cotidianas e que os possibilita enxergar em um fenômeno cultural de fé e religião - que atrai pessoas movidas pelos sentimentos mais diversos -, um fenômeno muito mais centrado na esfera econômica, pelo qual eles esperam todos os anos, para ganhar um pouco mais, saldar as dívidas, realizar seus projetos.

O lugar: por uma compreensão do entrecruzamento entre memória e trabalho

Por detrás do título *a memória do trabalho nas romarias de Bom Jesus da Lapa: retratos das pessoas que vivem da venda de artigos religiosos*, uma infinidade de aspectos se articula, formando uma espécie de teia, característica das relações sociais - que em geral são complexas, por envolverem as múltiplas dimensões que fazem parte do processo de constituição do homem, do espaço e de suas interações. Com a pretensão de compreender ao

menos os elementos principais que estão envolvidos com os processos de construção, recomposição e resignificação de uma memória social do trabalho relacionada às romarias de Bom Jesus da Lapa e aos indivíduos que sobrevivem da venda de artigos religiosos, este estudo considera que é de fundamental importância iniciar a referida compreensão a partir do entendimento do lugar que hoje é Bom Jesus da Lapa, contextualizando-o especialmente, já que o entrecruzamento da memória e do trabalho – que constituem os eixos centrais da análise – acontece exatamente nos lugares e nos espaços, com toda a complexidade que estes abrigam.

No que diz respeito às densas discussões sobre o sentido da noção de lugar, Carlos (1996) afirma alimentarem hoje um debate muito profícuo. Apesar de não ser o interesse aqui adentrá-lo, considera-se que não se pode fazer referência a um termo como esse, sem deixar claro o entendimento que dá sustentação à sua utilização. Ao se falar em lugar, está referindo-se, portanto, ao espaço mais delimitado, onde acontecem os processos de construção de sujeitos, relações e memórias. Parte-se da concepção de Carlos (1996), que conceitua o lugar como “uma parcela do espaço”, distinguindo o local (o lugar) do mundial (o plano mais global, o espaço). Nessa lógica, “o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo” (CARLOS, 1996, p. 15). Evidenciando que o lugar tem uma relação muito maior com a construção de significados e memórias pelos indivíduos no exercício de suas vidas cotidianas, a autora afirma ainda que “o lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular” (CARLOS, 1996, p. 15-16).

Com a aceleração dos processos de globalização, a questão que emerge como central nos debates sobre lugar diz respeito à possibilidade de se pensá-lo, ainda como singularidade, face aos processos de mundialização. Baseada em Milton Santos (1995), Carlos (1996) defende a existência de dois lugares: “um visto de fora”, fruto do acontecer histórico e “outro visto de dentro”. Esta autora considera que cada lugar possui a sua densidade técnica, informacional, comunicacional, normativa, temporal e histórica. Por esse caminho, Carlos (1996, p. 20) conclui que é “no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões”.

As relações dos sujeitos com os seus lugares são históricas, econômica e culturalmente construídas. Carlos (1996, p. 13) afirma que “o ser humano guarda múltiplas dimensões, seu processo de construção é sempre aquele da criação, recriação e superação”, o que, por extensão, leva a compreender que no processo de construção de relações entre os sujeitos e os lugares, muitas dimensões também estão envolvidas. Aos fatores históricos, econômicos e

culturais, mencionados como dimensões relevantes nos processos referidos, acrescenta-se a memória social, que em uma relação de influências recíprocas, se constrói também a partir da história, da trajetória econômica e da cultura de cada lugar, ao mesmo tempo em que as reconstrói, as reinventa e as resignifica. Acrescentando, afirma-se que não existe sociedade que não seja sustentada, em alguma medida, pela memória construída e reconstruída pelos seus indivíduos, consoante a afirmação de Arostegui (2004, p. 162), quando considera que a memória constitui o “sustento de la continuidad de la existência”.

Ainda falando dos lugares, seja no campo ou na cidade, nos países desenvolvidos ou subdesenvolvidos, nas pequenas, médias ou nas grandes cidades, homens e mulheres precisam estar em condições de viver para fazer história. Para viver precisam antes de tudo prover os meios de sobrevivência (comer, beber, morar, vestir, reproduzir a própria espécie). Caso possuam algum capital e instrumentos de trabalho, não precisam necessariamente vender diariamente a força de trabalho para adquirir os meios de subsistência – que de acordo com Marx “vão do estômago à fantasia”. Mas se não são, a sobrevivência está totalmente atrelada a essa venda, que é sempre permeada pelas lógicas da contradição e da acumulação, próprias do sistema capitalista. Não fugindo dessa lógica, há ainda que se considerar que os processos de metamorfoses do mundo do trabalho, percebidos de maneira mais contundente a partir da crise estrutural dos anos 70, têm potencializando o crescimento da informalidade e da precarização do trabalho.

Cada lugar está situado espacialmente e essa não é uma questão exclusivamente cara à geografia e sem implicações para o desenvolvimento econômico, histórico, cultural e da memória social. São exatamente nos espaços geográficos que a história, a economia, a cultura e a memória se entrecruzam e constroem cada lugar com o limbo de sua especificidade. O sentido social do trabalho de homens e mulheres é construído nos lugares, influenciado por essas dimensões, que pela relevância nesse processo de construção, não podem ser negligenciadas, tampouco analisadas de modo fragmentário e desconectado do contexto social mais amplo.

Dito de outro modo, esse sentido social do trabalho, construído na esfera micro, sofre as influências da história local, das características econômicas específicas, da trajetória cultural do lugar, da memória social construída pelos “seus sujeitos”, mas também é um reflexo das transformações das relações e sentidos do trabalho que se processam em um nível mais global. Ainda que determinado lugar esteja situado - não apenas espacialmente, mas também do ponto de vista do interesse do capital -, distante do centro da economia capitalista,

os impactos do que se processa nesse centro não deixam de se propagar de modo a alcançá-lo e a interferir na sua dinâmica econômico-social.

A venda da força potencial – que ao ser comprada e consumida pelo comprador se transforma em trabalho – sente diretamente os impactos da reestruturação produtiva e da flexibilização, já que ao reconfigurarem a estrutura da produção e do trabalho em prol da continuidade do funcionamento do sistema, conduzem a venda dessa força a também metamorfosear-se. Em linhas gerais, é nesse processo de metamorfose que se situa a gênese da “substituição” dos trabalhos que anteriormente assumiam nítidos traços contratualistas e formalizados, por diferentes modalidades de trabalho informal, sem direitos, sem estabilidade e mais precários (TAVARES, 2004). Além disso, a insuficiência do próprio sistema capitalista, no que tange a criação de empregos, leva milhares de pessoas a *reinventarem* estratégias de sobrevivência variadas.

O circuito inferior da economia brasileira e a venda de artigos religiosos nas romarias de Bom Jesus da Lapa

Numa escala macro, grosso modo, existem no espaço duas realidades contraditórias em muitos aspectos: a dos países desenvolvidos e a dos subdesenvolvidos. Para Santos (2004), o subdesenvolvimento não é um estágio a caminho do desenvolvimento, mas uma realidade que possui a sua dinâmica própria, o que inviabiliza analisá-la a partir de critérios formulados para a realidade dos países em condições avançadas de modernização. A contradição entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos não se expressa apenas no nível global, mas também nas especificidades de organização da economia, da sociedade e do espaço, no interior desses países, nunca perdendo de vista as dimensões histórica, econômica, cultural e de memória do processo de construção de cada lugar.

A contradição entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos tem uma relação muito direta com o processo de modernização e se expressa de maneira contundente nas suas características estruturais e socioeconômicas. Pela natureza dos movimentos de modernização e industrialização, nos países de Terceiro Mundo sobressaem a descontinuidade, a instabilidade e a multipolaridade. Isso porque nos países subdesenvolvidos industrializados a modernização e os impactos das forças de transformação são localizados e não se difundem

com muita facilidade, conformando uma sociedade desigual no que diz respeito aos modos de produção, à natureza das relações de trabalho, às disparidades de renda, à hierarquização das atividades, ao consumo e às condições de sobrevivência, de uma maneira geral, contribuindo para a existência de espaços com certo grau de modernidade e desenvolvimento, “ao lado” de lugares onde o predomínio da população pobre é simultaneamente causa e efeito da seletividade dos processos de modernização.

A “seletividade”, própria do sistema capitalista, é cruel, já que traz subjacentes as dimensões da desigualdade e da contradição. Para Santos (2004, p. 21), “esse termo exprime duas coisas diferentes conforme se considere a produção e o consumo”. Quanto à produção, não se difunde igualmente por todos os lugares do território, mas na realidade se concentra em alguns pontos que naturalmente interessam ao capital; já o consumo, apesar de se dispersar mais facilmente, presencia a seletividade agindo “como um freio, pois a capacidade de consumir não é a mesma qualitativa e quantitativamente” (SANTOS, 2004, p.21), ainda que as necessidades essenciais sejam bem semelhantes.

Os problemas advindos da heterogeneidade da realidade dos países subdesenvolvidos se potencializam na esfera econômico-social, onde se percebe de modo mais claro o alto grau de bipolaridade da economia e do mercado. Existem nos países subdesenvolvidos, grandes indústrias modernizadas, comércios de grandes proporções, que em geral lidam com a importação e a exportação de mercadorias; as grandes distribuidoras, os serviços modernos e os grandes bancos, convivendo, de maneira não dissociada, com as atividades de pequena dimensão, relacionadas principalmente aos pobres, como as atividades de fabricação não inseridas na economia moderna, os serviços, como o trabalho doméstico, o comércio de pequenas dimensões, que tanto pode ocupar um pequeno espaço, estruturalmente precário e lidar com estoques reduzidos, como podem ser desenvolvidos mesmo na indisponibilidade de um espaço exclusivamente destinado para tal, em casa ou nas ruas pelos “vendedores ambulantes” ou “vendedores de rua”. Entretanto, é importante destacar que apesar dessas disparidades serem reais, isso não significa a fragmentação da sociedade em dualidades, pois todos esses fenômenos desiguais e contraditórios se entrecruzam dentro de uma só sociedade (SANTOS, 2004).

Nesse sentido, identifica-se, nos países subdesenvolvidos, o que Santos (2004) denominou de dois circuitos da economia, que além de circuitos econômicos são também responsáveis pela organização do espaço, não se restringindo a circuitos de mercado, mas podendo ser entendidos de uma forma muito mais ampla, como subsistemas de um sistema geral.

Resultados diretos da modernização tecnológica - seja porque relacionado a atividades e indivíduos que bebem mais de perto na fonte do progresso fruto dessa modernização, seja porque “se dirige a indivíduos que só se beneficiaram parcialmente ou não se beneficiaram dos progressos técnicos” (SANTOS, 2004, p. 38) -, os dois circuitos de que se fala são chamados por Milton Santos de “circuito inferior” e “circuito superior”. Esses circuitos correspondem respectivamente, em linhas bem gerais, às “formas de atividade de pequena dimensão que interessam principalmente às populações pobres” (atividades de fabricação tradicional, artesanato, pequeno comércio autônomo, transportes tradicionais e prestação de serviços), e ao subsistema comandado pelas variáveis mais modernas do centro do sistema mundial (comércio moderno, indústria moderna, comércio de exportação e importação, grandes bancos e etc.).

O circuito inferior é caracterizado por atividades de produção ou comércio de dimensões muito reduzidas. Nesses tipos de atividade os produtores e comerciantes dispõem de pequeno capital, nenhum capital ou de um crédito limitado; trabalham com uma tecnologia obsoleta ou tradicional, têm uma organização deficiente, lidam em geral com pequenas quantidades (de fabricação e/ou vendas), com estoques limitados, com uma multiplicidade de serviços, e se utilizam de muita criatividade e de uma “miraculosa capacidade de recuperação” (SANTOS, 2004) para que quase nada se perca e a vida útil das peças, utensílios e mesmo de objetos simples como, por exemplo, um jornal, sejam ampliadas.

Ao contrário do que pode aparentar, esse circuito não está dissociado da economia moderna e da acumulação capitalista (ABÍLIO, 2011; SANTOS, 2004; TAVARES, 2004; OLIVEIRA, 2011) e “constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional” (SANTOS, 2004, p. 202). Acrescentando, Santos (2004) nos informa que nas atividades de comércio do circuito inferior, a necessidade do dinheiro líquido é desenfreada, ainda que a consecução de grandes lucros não seja tão necessária (e nem muito possível, em termos concretos) à sobrevivência do negócio. Isso ocorre principalmente porque, devido ao capital limitado para investimento nos pequenos negócios, o trabalhador geralmente recorre “ao crédito para entrar ou permanecer numa atividade de comércio ou fabricação, mas para manter o crédito é indispensável arranjar dinheiro líquido para efetuar o pagamento de pelo menos uma parte das dívidas contraídas” (SANTOS, 2004, p. 232), além de normalmente as atividades exercidas nesses negócios, serem as suas principais, ou mesmo únicas, fontes de subsistência.

A sustentação funcional do circuito inferior tem uma relação muito próxima com o desemprego. O quadro de diminuição crescente do emprego agrícola e industrial, reflexo das

inovações e modernizações tecnológicas, associado ao crescimento da força de trabalho, tem conduzido a um aumento da exploração de atividades de pequena dimensão, que se mostram como possibilidades para a reprodução dos crescentes índices de trabalhadores desempregados, possibilitando as suas subsistências e de suas famílias, ainda que com possibilidades de consumo limitadas. Mesmo sendo realidade que as atividades da “economia pobre” ou do “polo marginal da economia”, não são levadas em conta pela estatística oficial, destaca-se aqui que elas constituem elementos de grande importância para a economia local e regional e se apresentam como alternativa de sobrevivência para milhares de pessoas (SANTOS, 2004).

Considerando a situação atual do emprego, sobretudo para o contingente de trabalhadores sem qualificação, com pouco ou nenhum capital e com necessidades de sobrevivência imediatas, as atividades do circuito inferior representam a possibilidade de um ingresso mais rápido em ocupações, mesmo que sejam pouco significativas (econômica, social e/ou financeiramente), aleatórias e temporárias. No rol da atividade dos sapateiros, alfaiates, pequenos merceeiros, carroceiros e motoristas de taxi, pedreiros e engraxates, carregadores de água, plantonistas, meninos de recado e domésticas de todo o tipo, Santos (2004) inclui as atividades dos comerciantes de pequena dimensão e dos vendedores ambulantes e vendedores de rua.

O Estudo e algumas considerações

Parte integrante da realidade macroeconômica do subdesenvolvimento, Santos (2004) alerta claramente que a incompreensão do circuito inferior torna a compreensão da realidade incompleta. Nesse “espaço dividido”, no contexto macroeconômico de subdesenvolvimento, compondo o circuito inferior da economia brasileira, insere-se o objeto dessa pesquisa. Compreender a memória do trabalho informal de pequenos comerciantes e vendedores ambulantes de artigos religiosos nas romarias de Bom Jesus da Lapa, BA, não envolve apenas a recomposição da história peculiar de uma cidade do interior da Bahia, mais precisamente no seu sertão, que tem um mito de origem³ estranhamente interessante e que começou a se

³ A história da cidade remonta o final do século XVII. De acordo com os relatos históricos e com o discurso sustentado pela igreja, tudo tem início com a chegada de Francisco Mendonça Mar, que ficou conhecido como o monge Francisco da Soledade. Saindo de Salvador como andarilho e levando consigo apenas a imagem de Jesus Cristo crucificado - o “Senhor Bom Jesus” -, Francisco Mendonça Mar adentrou o sertão e ao encontrar a grande formação de pedras calcárias. Encantado com a sua beleza decidiu viver nela, despojado de todas as coisas

desenvolver a partir de peregrinações de fé. Tampouco envolve exclusivamente o estudo etnográfico da cultura desse lugar, cultura essa de fé, de peregrinações, de romarias e de turismo religioso, que, enquanto se constituiu, constituiu a própria cidade, tornando-se o seu grande “chamariz” e conferindo-lhe, inclusive, a visibilidade que ela tem hoje. Se não se reduz a essas dimensões, muito menos foca-se apenas na análise “fria” do seu desenvolvimento econômico, basicamente centrado na exploração do turismo religioso – mas nem por isso necessariamente desarticulada das lógicas capitalistas, como apontam as discussões a respeito dos trabalhos informais e precarizados, coadunando com o que essa pesquisa pretende perceber empiricamente.

Mais do que a compreensão de cada dimensão dessas isoladamente, este estudo pretende analisar o entrecruzamento da história, da cultura e da economia de Bom Jesus da Lapa, pela via do campo da memória social do trabalho na cidade, a partir do trabalho de pessoas que vivem da venda de artigos religiosos e que, diante das condições adversas a que sempre estiveram submetidas, “enxergaram” nas romarias, que fazem parte da cultura de fé da cidade, a possibilidade de suas sobrevivências, realizando um deslocamento dessas romarias da esfera original da cultura, para a esfera econômica. Considera-se de modo preliminar, que esse deslocamento é propiciado pela memória social que foi sendo tecida a partir das primeiras atividades de trabalho que se organizaram para atender as necessidades dos romeiros e peregrinos (apenas posteriormente dos turistas) e que, pelo que é contado pela história também constituíram as primeiras atividades de trabalho do lugar que hoje é Bom Jesus da Lapa.

Entre todos os fatores que colaboraram e colaboram continuamente para a culminância desse processo - desde a localização espacial de Bom Jesus da Lapa (o Sertão nordestino, no contexto de um país de Terceiro Mundo), às consequências da desigualdade sócio-espacial (como a baixa oferta de empregos, o nível de escolaridade, a parca qualificação e a falta de capital, que, diante da necessidade de sobrevivência, impelem essa população de trabalhadores fora do mercado de trabalho formal a “darem um jeitinho para sobreviver”) -, em Bom Jesus da Lapa, percebe-se a presença de outro fator, contribuindo deliberadamente para que esses trabalhadores vejam nas oportunidades de trabalho surgidas com as romarias e

próprias à vida em sociedade, cultuando o “Bom Jesus”, apenas na companhia de uma onça. A grande formação de pedras calcárias é margeada pelo Rio São Francisco, por onde passavam embarcações a vapor, transportando pessoas que, ao saber da existência de um “ermitão” naquele local, paravam inicialmente impulsionadas pela curiosidade. Com o passar dos anos, a simples curiosidade cedeu lugar às peregrinações motivadas pela fé, já que se passou a preservar a crença de que o local era sagrado e que as pessoas que o visitavam eram alcançadas por bênçãos e graças.

com a exploração do turismo religioso, as suas possibilidades de sobrevivência. É no campo da memória que se situa o eixo dessas explicações.

Situada a aproximadamente 800 km da capital do estado, no oeste baiano, no alto sertão da Bahia, onde “o sol é senhor de janeiro a janeiro” (MALHEIROS, 2008, p. 11) e onde a poeira da terra vermelha, o sol constante, as temperaturas elevadas e os longos períodos de estiagem se intercalam às benesses do Rio São Francisco, Bom Jesus da Lapa reúne as características do que Santos (2004) chamou de um “lugar não-viável” para a lógica da modernização seletiva e da acumulação capitalista, já que a difusão das forças de modernização e de investimentos do capital, se a alcançou de algum modo, foi muito inexpressivamente. De acordo com Oliveira (2011, p. 29), as regiões que não são metropolitanas, em geral não contam “com os benefícios que tais propiciam ao desenvolvimento industrial” e por isso tendem a se constituir e/ou permanecer deprimidas. Portanto, nesse espaço opaco, que, devido às condições adversas para a industrialização, não contou com o aporte exógeno de capital e de tecnologia, exatamente porque não foi escolhido *a priori* para o desenvolvimento de grandes indústrias, de comércios expressivos de exportação e importação e pelas forças modernizadoras⁴ – e isso faz parte da racionalidade do capital -, o turismo religioso emerge como uma possibilidade.

A gênese das romarias provavelmente não foi vislumbrada a princípio como uma oportunidade de desenvolvimento econômico para a cidade. Os próprios mitos da origem de Bom Jesus da Lapa dão indícios de que as peregrinações motivadas pela fé se iniciaram naturalmente, como manifestação de uma vontade popular que elegeu esse lugar, por considerar haver nele algo de extraordinário e sublime, capaz de conduzi-los ao ápice da devoção. Construindo uma cultura de romarias, onde o histórico, o cultural e a memória eram mais evidentes que qualquer interesse econômico, as peregrinações à Bom Jesus da Lapa correspondem a um fenômeno de religiosidade popular.

Como consequência da “curiosidade” dos viajantes das embarcações a vapor, que navegavam pelo Rio São Francisco no século XVII, em Bom Jesus da Lapa, a cultura de romarias é uma “tradição inventada”, surgida a partir da crença desses viajantes de que eles eram alcançados por graças e bênçãos ao visitar a gruta. Como um fenômeno da esfera do sagrado e do religioso, as romarias e peregrinações motivadas pela fé se inscrevem muito

⁴ De acordo com Eduardo Junqueira (in MALHEIROS, 2008), em Bom Jesus da Lapa existem apenas 57 estabelecimentos industriais (de pequeno porte), “espalhados pelos 3.931 km² do município” (MALHEIROS, 2008, p. 21). Sem contar as atividades de comércio e serviços, sobretudo ligadas ao turismo religioso, as atividades econômicas mais importantes em Bom Jesus da Lapa são a pecuária e a agricultura.

mais na ordem da cultura e relacionam-se de maneira bem direta com uma memória religiosa, compartilhada por pessoas de grupos diferentes, dentro da cidade e fora dela, lembrando que o sentimento dos peregrinos e turistas religiosos em relação às romarias à Bom Jesus da Lapa, difere em vários aspectos do sentimento dos moradores da cidade, sobretudo os que exploram de algum modo os trabalhos nas romarias.

Embora romaria/peregrinação e turismo religioso pareçam significar a mesma coisa – ainda sendo termos relacionados a um mesmo fenômeno –, os seus significados não se confundem, mesmo que sejam utilizados de forma acrítica na linguagem cotidiana. É bem verdade que as denominações em tela constituem, todas elas, práticas sociais de deslocamentos culturais relacionados à cultura da fé, do sagrado, das procissões, das festas religiosas e etc.. Porém, como distingue Silveira (2004), enquanto a romaria ou peregrinação está muito mais relacionada à fé e dizendo respeito “ao sério, ao íntimo, ao interior”, “o turismo está conectado a um estilo de experiência mais lúdica, ligada ao divertimento, a leveza, ao olhar, ao exterior. Contudo a religião pode vir a ser espetáculo, divertimento, visão e exterioridade” (SILVEIRA, 2004, p. 2).

Pela perspectiva desse autor, que considera inclusive, que normalmente as práticas de peregrinações são anteriores à organização do turismo religioso – até porque de acordo com Monteiro (2003, apud SILVEIRA, 2004), esse é um fenômeno recente, surgido aproximadamente na década de 60 –, compreende-se que o turismo religioso em Bom Jesus da Lapa se inscreve na ordem da intencionalidade e da racionalidade própria do capital, diante de práticas de peregrinação que tinham por finalidade essencial o culto ao “Bom Jesus da Lapa”, na busca por milagres e em agradecimento pelas bênçãos alcançadas. A consolidação de representações que buscam afirmar a romaria como um evento turístico tem uma relação muito direta com a lógica da obtenção de lucros, do enriquecimento e, portanto da acumulação, ainda que o porte do capital não seja tão expressivo.

É importante destacar, todavia, que embora esse estudo centre-se no trabalho desenvolvido pelos vendedores de artigos religiosos, especialmente os ambulantes - que, pelas características de suas atividades de dimensões muito reduzidas, desenvolvidas principalmente pela população em condições de pauperização com vistas principalmente à estrita sobrevivência, fazem parte do circuito inferior –, a exploração do turismo religioso que se estabeleceu em Bom Jesus da Lapa, também é realizado por pequenos, médios e grandes empresários da região, cuja natureza das atividades pressupõe algum capital que obviamente os vendedores ambulantes não dispuseram, fato que coloca esses empresários na possibilidade da acumulação capitalista.

Nesse estudo considera-se que nesse “sertão opaco”, na história do desenvolvimento de Bom Jesus da Lapa, o “brilhantismo religioso” foi preponderante para a formação socioeconômica da cidade. Na segregação sócio-espacial posta, onde o sertão não teve historicamente possibilidades de dinâmica econômica expressivas, as romarias, peregrinações e o turismo religioso vão configurando a economia de Bom Jesus da Lapa de modo que nesse “lugar”, é a lógica cultural que vai organizar o espaço e as relações de trabalho.

Em termos econômicos, o sagrado se desloca do cultural e passa a ser um bem de consumo dos romeiros. Mas como esse processo de deslocamento do âmbito cultural para o econômico se constitui também para as pessoas que vivem da venda de artigos religiosos? Como a memória social fornece as “ferramentas” e os elementos para se compreender esse deslocamento? Quais são as possibilidades concretas de reprodução desses dessas pessoas que vivem da venda de artigos religiosos, considerando que fazem parte do circuito inferior ou da economia pobre? Como esses trabalhadores que estão submetidos a uma memória social do trabalho nas romarias lidam com a tensão entre essa memória e as contradições da lógica de reprodução econômica (resistem ou buscam a mudança)?

Diante das informações que foram se articulando até esse momento e percebendo o quanto o trabalho nas romarias tem uma significação que não é explicável em sua totalidade pelos vieses da história, da cultura ou da economia, pretende-se analisar *A memória do trabalho nas romarias de Bom Jesus da Lapa: retratos das pessoas que vivem da venda de artigos religiosos*, guiando-se pela seguinte questão: considerando o turismo religioso como inserido na lógica contraditória do sistema capitalista, como é que as pessoas que vivem da venda de artigos religiosos conseguem, a partir de uma memória social que vem sendo tecida desde as primeiras atividades de trabalho para atendimento das necessidades dos peregrinos e romeiros, elaborar estratégias de inserção nas possibilidades emergidas no contexto local e se reproduzir a partir de estratégias de resistência?

Como objetivo principal, pretende-se compreender a relação existente entre a memória social do trabalho e a elaboração das estratégias de sobrevivência desses trabalhadores, que vêm nas romarias uma possibilidade de resistência a um sistema que não lhes reserva possibilidades e lugares suficientes, mas que exige diariamente uma quantia em dinheiro para a realização de suas sobrevivências.

Para o alcance desse objetivo, outras compreensões são necessárias, tais como: perceber qual a memória social do trabalho relacionado às romarias em Bom Jesus da Lapa e como esses trabalhadores a recompõe e a resignifica. Compreender e descrever o trabalho dos vendedores ambulantes a partir da pesquisa na literatura sobre trabalho informal e

empiricamente, nas romarias de Bom Jesus da Lapa. Analisar a relação entre o nível socioeconômico, o grau de escolaridade e/ou formação profissional e as condições de sobrevivências dos trabalhadores ambulantes de artigos religiosos. Perceber até que ponto esses trabalhadores, na relação dialética entre as estratégias de sobrevivência e as condições de pauperização das quais elas não lhes têm possibilitado sair, elaboram estratégias de resistência ou de mudança. Esses são os objetivos específicos.

Esse estudo tem sido desenvolvido no Município de Bom Jesus da Lapa e apesar do objeto remeter ao trabalho informal dos vendedores ambulantes de artigos religiosos nas romarias, pelo próprio caráter sazonal desse tipo de evento, o estudo empírico não pode se restringir aos momentos de pesquisa nesses períodos, já que a ocorrência estante que os caracteriza, inviabilizaria a continuidade do trabalho e a obtenção de dados e informações, que a própria dinâmica do trabalho dos sujeitos pesquisados durante as romarias não permitiria.

Portanto, a pesquisa e as observações para a construção dos dados que deverão ser analisados, têm sido realizadas nos períodos de romarias e também em outros momentos. Partindo desse entendimento, as primeiras imersões no campo com o objetivo de explorá-lo para os fins da pesquisa, ocorreram nos meses de julho e agosto de 2011, meses em que ocorrem as principais romarias de Bom Jesus da Lapa. Entretanto, tiveram um caráter de exploração, de primeiros contatos com o objeto para perceber essencialmente a sua dinâmica. A pesquisa de campo, propriamente dita, onde deve se dar a construção dos dados a serem detidamente analisados, teve início em meados do mês de março de 2012, onde se começou a aproximação com os trabalhadores vendedores de artigos religiosos, com a finalidade de montar um banco de dados com os possíveis sujeitos da pesquisa.

A seleção desses sujeitos se dará com base nos seguintes critérios: primeiro devem ser trabalhadores que vivem da venda de artigos religiosos nas romarias de Bom Jesus da Lapa; segundo, suas atividades devem fazer parte da economia pobre ou do “circuito inferior da economia”; terceiro, deverão ser selecionados sujeitos de perfis diversos, a partir de informações obtidas através do questionário socioeconômico, que tem a função de fornecer uma visão geral do campo e dos indivíduos, revelando dados como o sexo, a idade, as condições de vida e etc. Além da disponibilidade e interesse dos trabalhadores, em colaborar para o desenvolvimento do estudo, que também é um fator seletivo.

Demo (1995, p. 11-12) afirma em tom de alerta que, “como a realidade social não é evidente, nem se dá à luz com facilidade, sendo muito diferente o que aparece à primeira vista e o que encontramos em profundidade, pesquisar carece de método”. Como justificativas para

essa afirmação, o autor acrescenta a necessidade de imprimir marcas de racionalidade à atividade, ordenar e otimizar o esforço, garantir o espírito crítico e “ainda, para garantir criatividade, ajudando a devassar novos horizontes” (DEMO, 1995, p. 12). Desse modo, esse estudo tem sido guiado pelos pressupostos da dialética, levando em conta a ideia de que “só pode ser respeitado, aquilo que se mantiver discutível” (DEMO, 1995, p. 13-14) e considerando que construir ciências sociais não é pretender produtos acabados, verdades definitivas, mas cultivar um processo criativo marcado pelo diálogo consciente com a realidade social que se quer compreender (DEMO, 1995, p. 14).

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Informalidade e acumulação capitalista: a centralidade do trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Roberto Vêras de (orgs.). **Formas de trabalho no capitalismo atual: condição precária e possibilidade de reinvenção**. São Paulo, Annablume, CNPq; 2011.

AROSTEGUI, Julio. **La história vivida: sobre a história del presente**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

CARLOS, Ana Faní Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

DEMO, Pedro. **Metodologia em Ciências Sociais**. 3ª ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 1995.

MALHEIROS, Gustavo. **Pedra e Luz**. Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de O polo de confecções do Agreste de Pernambuco: ensaiando uma perspectiva de abordagem. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Roberto Vêras de (orgs.). **Formas de trabalho no capitalismo atual: condição precária e possibilidade de reinvenção**. São Paulo, Annablume, CNPq; 2011.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SILVEIRA, Emerson J. da. Turismo religioso popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado. Revista de Antropología Experimental número 4, 2004. Disponível em: www.ujaen.es/huesped/rae, acessado em: 15/03/2012.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.